

Distopia e realidade brasileira em “Marginália II” (Gil/Torquato): aqui é o fim do mundo

Orlando J. R. de Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: orlando.oliveira@uesb.edu.br

1555

Palavras-chave: Marginália II. Torquato Neto. Anjo da História

INTRODUÇÃO

Ensaia-se aqui uma leitura possível da canção *Marginália II* que articula a triste ladainha confessional do eu-lírico do poeta Torquato Neto e o contraditório canto festivo do acelerado baião de Gilberto Gil com a conjuntura distópico–apocalíptica do Brasil em 1968 (*o ano que não terminou*). O cenário da crescente e vertiginosa escalada repressiva da ditadura militar, sobretudo contra a juventude estudantil, levou à crise política que culminou com a decretação do Ato Institucional número 5 em 13 de dezembro desse ano¹. A supressão dos direitos constitucionais do cidadão, conformada pelo AI 5, balizaria os *anos de chumbo*², marcados, de um lado, pelo *milagre econômico* às custas do arrocho salarial e da intervenção sindical, aliados à proibição da mobilização popular, ao fechamento do Congresso Nacional, às cassações de políticos e intelectuais, perseguições, prisões e desaparecimentos de militantes e simpatizantes da resistência civil. Por outro lado, o suposto *vazio cultural* seria o eufemismo acionado para camuflar a censura e o policiamento da produção cultural brasileira a partir daí. Nesta conjuntura distópica–apocalíptica (*aqui é o fim do mundo*) se destaca a figura do poeta Torquato Neto, cuja trajetória³, borrando os limites entre vida real e ficção (eu-lírico), o elevaria à condição de “anjo torto” do Tropicalismo, uma espécie de *Angelus Novus* (Paul Klee, 1920)

¹ Com o AI-5, a linha dura militar consome o golpe dentro do golpe, inaugurando a fase mais violenta da ditadura, os *anos de cumbo* (1969 a 1975).

² Forte censura à imprensa e às produções artísticas de oposição, bem como a brutal repressão aos grupos sociais de contestação ao regime caracterizam o período. Cf. FARIA; MOURÃO, 2020, p. 117.

³ Em 1971, na coluna ‘Geleia Geral’ do jornal *Última Hora*, Torquato difundia a contracultura brasileira.

Realização:



Apoio:



marginal no tempestuoso horizonte do embrutecimento da ditadura no Brasil pós-1968, contemporâneo da contracultura e do desbunde⁴ dos anos 1970.

Em 1968, *Geleia Geral*⁵, de Torquato Neto e Gilberto Gil, se estabelecia como a canção–manifesto da movimentação tropicalista, e destacava, na letra, a personagem irônica–empostada–debochada e carnavalesca do “poeta tropical” (Vasconcelos, 1977), encarnado no canto/falação de Gilberto Gil ao enumerar “*as relíquias do Brasil*”, cantilena de uma quase-teoria/ensaio de interpretação do Brasil, e ao mesmo tempo “uma reflexão sobre o território e a identidade nacionais” (Faria; Mourão, 2020). Em 1967, outra canção, *Marginália II*, dos mesmos Torquato Neto e Gilberto Gil, cronologicamente anterior à primeira, fazia o inventário crítico e sombrio das *mazelas* brasileiras⁶: o refrão de verso único, *Aqui é o fim do mundo*, antecipa a distopia brasileira pré–AI 5, não como fatalidade histórica inevitável, mas derivando da nossa situação político-econômica dependente (Zincone, 2017) – *Aqui o Terceiro Mundo*.

O caráter insurrecional da música dos baianos em 1967–68, no contexto da intervenção tropicalista, decorreu do enfrentamento político e da resistência cultural à barbárie institucionalizada pelo golpe militar de abril de 1964 (Oliveira, 2019), e, sobretudo, da necessidade de atualização da música brasileira, o tal ‘passo à frente’ pós-bossa nova (Campos, 1974), face aos imperativos do desenvolvimento dependente.

METODOLOGIA

A análise da canção *Marginália II* tem como diretriz metodológica o levantamento dos termos utilizados pelo poeta, denotativos da feição distópica–apocalíptica da conjuntura sócio–político brasileira no período de 1967–1968, alusivos ao advento do embrutecimento da ditadura militar, processo de extrema violência. A reconstituição (textual) do cenário político-econômico e sociocultural do período (1967–1968) resultou de detalhada pesquisa em fontes da época, sobretudo nos periódicos *Jornal do Brasil*,

⁴ Wisnik, em *O Globo* (29/03/2014), afirma: “Os dois anos cruciais, 67 e 68, fermentaram a passagem de muitos militantes do movimento estudantil para a luta armada. Outros viriam a passar [...], na década de 1970, para a *guerrilha existencial* também chamada *desbunde*, cujas armas eram as drogas psicodélicas, [...] a utopia comunitária, ecológica e sexual. [grifos nossos].”

⁵ A canção integra o LP *Tropicália ou Panis et Circenses* (Philips, 1968), disco-manifesto coletivo.

⁶ Dunn (2009) destaca o tema da marginalidade do Brasil e seu povo em várias canções tropicalistas.

Realização:



Apoio:



Correio da Manhã, Última Hora, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Jornal da Tarde, mediante consultas à Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional e a documentos do Sistema de Informações do Arquivo Nacional – SIAN.

Em paralelo, elaborou-se a listagem de termos utilizados na canção pelos autores, indicadores de afinidades e convergências entre a realidade brasileira e a distopia–aapocalíptica performada em *Marginália II*. Os termos foram examinados ainda em sua isomorfia com o arranjo musical, tendo sempre a conturbada conjuntura socio–política de então como marco referencial. Tatit (2004), Duarte (2018) e Zincone (2017) são autores que trouxeram lúcidas abordagens sobre os embates da produção cultural brasileira à época, um auxílio luxuoso para a base argumentativa deste ensaio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vê-se, em *Marginália II*, a alternância entre aspectos distópicos, a reflexão sobre a identidade brasileira e as contradições estéticas (Xavier, 1993): *aqui meu pânico e glória / aqui meu laço e cadeia*. A música tropicalista revela aqui a construção de uma alegoria do Brasil, um quase-ensaio de interpretação do país, já referido: *conheço bem minha história / começa na lua cheia / e termina antes do fim*. Os versos *negra solidão e tropical melancolia* indicam a percepção crítica e radical do eu–lírico que arrola seu oprimido universo confessional, marginal e contraditório (*meu laço e cadeia*). A alegoria final é um artefato apocalíptico–distópico, verdadeiro *fim do mundo*. O poeta habita um desmundo, imerso em atmosfera tropical repressiva, sem perspectiva de superar sua condição (*conheço bem minha história*).

O animado canto de Gil e o ritmo eufórico do baião *Marginália II* contrastam com a tom confessional e triste de um “anjo torto” (Drummond *apud* Torquato), eu–lírico plantado no olho do ciclone (o ano de 1968), a confessar *culpa, pecado, desespero, aflição e degredo* num país subdesenvolvido, marginal e dependente (*aqui o Terceiro Mundo / pede a benção e vai dormir*), afundado em *melancolia e solidão* no contemporâneo cenário do capitalismo internacional. Qual o “anjo da história” de Benjamin (2020), o eu–lírico de *Marginália II* se vê face à tempestade do progresso, cujo vento *forte*, da *fome*, do *medo* e da *morte* paralisa o poeta no meio do furacão que se apossa do paraíso de Pindorama (*Entre cascatas, palmeiras / Araçás e bananeiras / Ao canto da juriti*,

Realização:



Apoio:



escorregadia ilusão do seu sonho desesperado), a utopia de Pindorama idílica/romântica, vorazmente devorada pela perpetuação da situação colonial: *Yes, nós temos banana...*, a carnavalização da atávica dependência brasileira. Em seu triste e solitário degredo, o poeta não acha saída, o ambiente é cada vez mais sufocante (*A bomba explode lá fora / Agora o que vou temer?*). O anjo torto de *Marginália II*, em sua aflita trajetória histórica, que “*termina antes do fim*”, evoca outro poeta, o desolado e fracassado Paulo Martins de Eldorado, outra utopia inatingível, antecipada na ópera-barroca de Glauber Rocha, *Terra em Transe* (1967), com o triunfo do fascista Porfírio Diaz a profetizar a sanha golpista da linha dura militar, mediante o AI-5 um ano depois, cá na vida real brasileira.

A recorrência da palavra “fim”, citada 10 vezes na letra de *Marginália II*, já indica a emergência da face apocalíptica da distopia que o eu-lírico, o tal “anjo torto da história”, não se cansa de anunciar, ou melhor, de ‘confessar’: *eu brasileiro confesso / minha culpa, meu pecado / meu sonho desesperado / meu bem guardado segredo / pão seco de cada dia / tropical melancolia / negra solidão*). O aspecto confessional, que remete tanto à tortura dos presos políticos praticada nos porões do Estado de exceção quanto à de pobres não-cidadãos e anônimos Zés-Ninguém, coagidos à confissão cotidiana nas infectas delegacias de toda cidadezinha do interior, é reiterado nos versos iniciais (*eu, brasileiro, confesso*), evocando nossa arraigada formação católica: a *culpa*, o *pecado*, a *aflição*, o *desespero* etc. Note-se também a vinculação do eu-lírico com a figura do nosso ancestral marginal no longínquo período colonial quando Pindorama foi colonizada por levas de degredados, criminosos condenados (*eu brasileiro confesso / minha culpa meu degredo*).

CONCLUSÕES

O tom distópico-apocalíptico de *Marginália II* é acentuado pela sonoridade cataclísmica do arranjo do maestro Rogério Duprat que usa o timbre frenético dos metais como correspondência isomórfica entre letra e música, seja para glorificar ou para semear pânico, atos singulares da identidade brasileira. Em alusão ao triunfo da nação cultuado no discurso ufanista da ditadura, Duprat, criticamente polifônico e polissêmico, insere compassos do Hino da Independência (na altura da confissão do *degredo*) que, adiante, se repetem transfigurados no Hino dos Fuzileiros Navais norteamericano, funcionando,

Realização:



Apoio:



na recepção, como infaustas trombetas tocadas por anjos apocalípticos, em alegoria musical da realidade caótica omitida pelo discurso nacionalista (Wisnik, 1989).

Em 9 de dezembro de 1968, embarcando para Londres com Hélio Oiticica - convidado a expor na *Whitechapel Gallery* -, Torquato, indo participa de experiências com os vanguardistas do *Exploding Galaxies*, profetizava: “vou embora porque alguma coisa vai explodir por aqui, algo vai acontecer” (Vaz, 2005, p. 125). A fala de Torquato reflete a tensão das últimas investidas, provocativas e polêmicas, do Tropicalismo com o público e a crítica, e alude, ainda, ao agravamento da crise política brasileira⁷, como o AI-5 demonstraria quatro dias depois.

A distopia dos *anos de chumbo*, anunciada pela intensa ventania que varre o paraíso idílico da terra das palmeiras e paralisa o anjo torto, acumula mais uma ruína sobre o monte de estilhaços a seus pés, em meio ao turbilhão ruidoso do apocalipse inevitável a que sucumbe a realidade brasileira: *Aqui é o fim do mundo*.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. *Sobre o Conceito de História*. São Paulo: Alameda, 2020.

CAMPOS, A. *O Balanço da Bossa e Outras Bossas*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DUARTE, P. *Tropicália ou Panis et Circenses*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2018.

DUNN, C. *Brutalidade Jardim: a Tropicália e o surgimento da contracultura brasileira*. São Paulo: Unesp, 2009.

FARIA; MOURÃO. Projeções apocalípticas e anti-distopia na obra de Torquato Neto (1968-1972). *Revista de Literatura, História e Memória*, Cascavel-PR, vol. 16, nº 27, pp. 116-140, 2020.

GIL, G.; NETO, T. Marginália II. In: GIL, G. *Gilberto Gil*. São Paulo: Philips, 1968. 1 disco sonoro (x min), 33¹/₃ rpm, estéreo, 12 pol.

⁷ E, no plano pessoal, da sua própria relação com os tropicalistas, dos quais já vinha se afastando desde meados daquele ano, rompimento que se completaria posteriormente.

Realização:



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



Apoio:



OLIVEIRA, O. J. R. de. Tropicalismo e Barbárie: Resistência Cultural e Ditadura Militar no Brasil dos Anos 1960. *Revista Binacional Brasil-Argentina – RBBA*, v. 8, n. 2, Dezembro, 2019.

TATIT, L. *O Século da Canção*. São Paulo: Ateliê, 2004.

VASCONCELOS, G. *Música Popular: de olho na fresta*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

VAZ, T. *Pra Mim Chega: a biografia de Torquato Neto*. São Paulo, Casa Amarela, 2005.

XAVIER, I. *Alegorias do Subdesenvolvimento: cinema novo, tropicalismo, cinema marginal*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

WISNIK, J. M. *O Som e o Sentido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. Maria Antônia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 mar. 2014. Segundo Caderno, Cultura.

ZINCONE, R. *Aqui é o Fim do Mundo: tropicália e desenvolvimento dependente no Brasil*. Rio de Janeiro: GZ Editora, 2017.

Realização:



Apoio:

